



Secretaria da Educação

ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO CURRÍCULO INTEGRADO

06 DE SETEMBRO DE 2022

Aos 06 dias do mês de setembro de 2022, reuniram-se no auditório I da Secretaria Municipal da Educação, os integrantes da Comissão de Elaboração do Currículo Integrado, de acordo com portaria N° 002 de 25 de abril de 2022. Assinaram a lista de preseça física 56 integrantes. A abertura iniciou com a palavra da Coordenadora de Gestão Democrática do CAP Leliane Zácamo da Silva que explanou sobre a ausência da presidente Lígia Carrasco em virtude de questões de saúde e que Elisangela Pereira sua suplente também não poderia estar presente na reunião do dia. Pontuou que os membros do CAP estariam realizando a condução dos trabalhos, que tem por objetivo a discussão da concepção de “Função da Escola. Pontuou também que um novo cronograma será enviado a todos com alteração das datas das reuniões que acontecerão nos horários de HTPC, a mesma pontuou se alguém teria alguma observação sobre o conceito de Educação que fora discutido na reunião anterior. Cristiane Auriemo pontuou que quando foi discutido a concepção de ser humano foi discutido a partir das perspectivas histórico, social e cultural, porém ressaltou que faltou na composição do texto a questão social, apesar de ter sido discutida pelo grupo. Ressaltou que no texto de Heluane havia ficado claro mas sem mencionar o termo social. Trouxe que deveria deixar alinhado essa questão antes de prosseguir com as discussões das demais concepções. Leliane colocou que seria retomar em outro momento essa discussão, deixando registrado em ata o questionamento apontado por Cristiane. Adriano Moreira colocou que não sabia se havia compreendido a proposta de Cristiane, pois dentro da concepção teórica utilizada até então e nas demais concepções discutidas o ser humano é social, do ponto de vista ontológico. Nessa perspectiva não há nem a necessidade de se colocar a questão social pois ela está implícita. Complementando Heluane, retomou que na última reunião se lembrava desse apontamento feito por Cristiane, que também compreende que por meio da perspectiva teórica adotada está implícito a questão social. Salientou apenas que Simara Pereira da Mata, na reunião passada fez um apontamento quanto ao termo “linguagem oral, solicitando deixar no texto apenas o termo “linguagem” pensando nas pessoas com deficiência. A seguir Paula fez a leitura do trecho da última ata onde a observação de Simara estaria contemplada. Dando continuidade foi aberta a discussão do dia sobre a concepção da “função de escola”. Natali Zanfelicce iniciou fazendo a leitura de sua proposta na íntegra. Após Leliane solicitou que Daniela Abreu também fizesse a leitura de sua proposta na íntegra e assim ela o fez. Em continuidade Leliane abriu as inscrições para as discussões. Rosana Tesuto colocou que quando é inserido Vygotsky no texto colocamos a escola como a Zona de Desenvolvimento Proximal, por apresentar situações que a criança se aproprie, situações da sociedade, pois a escola é uma mini sociedade. Ressaltou que a função da escola é também pesquisar, pois nós fazemos pesquisa dentro da escola, pois não precisamos esperar “os mercedores de todas as honras” para fazer pesquisa, como professores pesquisamos a nossa própria prática. Dando continuidade Camila Zanfelicce salientou que gostaria de elencar alguns aspectos do texto de Natali que julga importante. É definido no texto que a função da escola é o ensino e de forma sistemática. Que contempla a atividade principal e deixa claro que é válido para todas as etapas, que se trata de uma teoria que contempla a rede e que vai desde a Educação Infantil até a EJA, pois a forma como o bebê se socializa é uma e a do adulto é outra. Continuou dizendo que se a escola não cumpre com a sua função, que ela faz o papel de alienar, e quando a gente não assume a sua função estamos cumprindo com a nossa função de alienar, que dependendo do que a escola trabalha cria-se uma realidade paralela, e isso começa na educação infantil onde merece que seja ofertado o conhecimento às crianças. Trata-se de um ensino científico da perspectiva do docente, onde o docente é o responsável. No cotidiano precisamos encontrar formas através da estimulação sensorial, cultural, que são inserções para a apropriação da cultura a qual as crianças estão inseridas. Ainda é possível observar que a escola é um espaço de mediação e isso é um aspecto importante, a defesa do trabalho do professor que exerce uma profissão e que tem importância na função da escola. O texto elimina ruídos de que a teoria histórico social não cabe para a educação infantil e finalizou dizendo que não é a ciência como conteúdo vazio. O próximo inscrito foi Adriano



Secretaria da Educação

que fez um enfrentamento a fala de Rosana, na questão de que todo ensino é indissociado da pesquisa, no entanto quando colocamos o termo pesquisa e quando falamos em pesquisa estamos falando da construção do conhecimento científico. A escola é dividida em níveis e modalidades e as citou, que segue um ordenamento legal que ocorre por meio da função do ensino. A pesquisa também tem local apropriado, não dá nem para dizer que a pesquisa é realizada em todas as instituições de ensino superior, pois há instituições que não a fazem. Não é na escola básica que se faz pesquisa, na escola básica é preciso cumprir com a sua função que é ensinar. Por isso que foi organizado a educação brasileira de modo que em cada modalidade é realizado um feito específico. Continuou dizendo que precisamos assumir nosso lugar na escola que é ensinar, que a creche tem um papel significativo na alfabetização do aluno, mas não é na creche que ela vai ser alfabetizada, tem momento, lugar e forma certa de fazer. Devemos ter orgulho do nosso papel que é ensinar, devemos assumir nossa identidade. Entender que a criança é um ser em processo de desenvolvimento que deve ser protegida pelos seus direitos. Continuando Adriano parabenizou Natali e Daniela pelas propostas elaboradas que partem do mesmo referencial teórico. Que em especial na proposta de Natali ela trouxe questões que descortinam duas falsas dicotomias entre educação infantil e educação escolar e também entre desenvolvimento e aprendizado, na primeira dicotomia se a escola cumprir com seu papel de ensinar estaria desrespeitando os direitos das crianças. Entendemos a criança como um ser em processo de desenvolvimento, precisamos preservar os direitos da criança e o direito a educação é um deles. A próxima inscrita foi Natali que pontuou que em sua proposta fica claro as ideias trazidas sobre questões que haviam ficado em suspenso e que a escola tem a função de ensino para o desenvolvimento da criança. Colocou sobre o apontamento de Rosana acerca da Zona de Desenvolvimento Proximal e explicou o conceito a todos. Continuou trazendo que a escola de hoje não compreende o que seria a ZDP para as crianças poderem desenvolver suas máximas habilidades, mas sim a Zona de Desenvolvimento Atual justamente por não olhar a criança. Dando continuidade Renata Corte colocou algumas questões sobre o ato de pesquisar, questionou quando a gente identifica que nem na universidade se faz pesquisa, e questiona quando nos tornamos pesquisadores? Recordou que na Educação Infantil a gente não alfabetiza, mas temos atitudes leitoras, escritoras, e alfabetizadoras, e coloca a escola como local de produção de conhecimento, numa atitude pesquisadora, que acontece no cotidiano da prática. Continuou dizendo que para o aluno damos a oportunidade que ele tenha uma postura investigativa, isso poderia acontecer com a pesquisa na escola, pois quando temos um problema na sala de aula e enfrentamos com conhecimento que temos ou conhecimentos partilhados, estamos pesquisando, e o professor pode até querer divulgar mas não é uma pesquisa que lhe dará um título, porém não deixa de ser pesquisa. A próxima inscrita foi Daniela Abreu que colocou que em sua proposta trouxe elementos congruentes com a proposta de Natali, mas para além trouxe a colaboração também de Paulo Freire, salientou que ela cabe em outros momentos pelos quais faremos definições na escrita. Salientou que o texto traz a função social da escola assim como o de Natali, ciência, ensino, mas pensa que não dá para excluir Paulo Freire dessa discussão. Reforçou dizendo que inclusive Nilton Duarte e Saviani trazem a colaboração do autor em seu texto e fez menção ao livro. Dando continuidade Adriano colocou que se a escola cumprir com a sua função concretiza o direito da criança de aprender. Colocou sobre a falsa dicotomia que o ensino prejudicaria o desenvolvimento. Trouxe que Natali enfrentar isso em seu texto é muito importante. Concordou com Daniela Abreu sobre a contribuição de Paulo Freire mas pontuou que ele não está inserido na pedagogia histórico crítica. Pontuou que quando formos discutir sobre desenvolvimento pode ser que tentem misturar Piaget com Vygotsky o que não há viabilidade. Continuando concordou com Renata, mas salienta que produzir conhecimento é muito complicado. A Escola precisa cumprir sua função de base porque senão tudo é mais importante do que fazer ensino. A próxima a falar foi Camila que trouxe que de acordo com o texto de Natali, o ensino afeta o sentimento, que faz parte que o professor desperte o interesse do aluno, numa mobilização emocional, que faz parte do processo, que Vygotsky aponta para essa questão e defendeu a profissão do professor que é quem ensina, mas que não se trata de pesquisa, que precisamos valorizar nossa área de atuação. Aponta para uma contradição no texto de Daniela e diz que não casa, pois há uma contradição



Secretaria da Educação

no próprio texto, e cita o texto justificando que Paulo Freire segue uma outra linha e entende que não dá para unir nesse momento em virtude da definição teórica. A próxima escrita Ana trouxe que ficou incomodada com a fala de Adriano dizendo que na escola não se faz pesquisa. Salientou dizendo que somos uma rede que é pesquisadora, muitos de nós fizemos pós graduação. Levantou alguns questionamentos sobre a pesquisa ser feita só na universidade porque a pesquisa é distante, é difícil e só os escolhidos tem acesso à ela. E mobilizou uma provocação dizendo porque é tão difícil, a quem serve delimitar a alguns fazer pesquisa? Pesquisamos pra quê? A escola não tem acesso? Continuou dizendo, então não vou falar de Paulo Freire porque ele não é do materialismo histórico dialético? Pontuou dizendo que não podemos engessar a nossa proposta com a escolha de apenas uma perspectiva teórica. Concluiu dizendo que saberia que seria criticada pelo “grupo do Adriano” mas que iria falar. A próxima inscrita foi Natali que retomou uma fala de Daniela na proposta enviada por ela, dizendo que há pontos que serão discutidos posteriormente, e discorda, trazendo que os pontos que ela trouxe foram justamente para esclarecer questões que não ficaram claras outrora. Dando continuidade Igor Ganun trouxe que no texto de Natali aparece o termo conteúdo, e mencionou que segundo Zabala ele traz sobre conteúdos não só os sistematicamente organizados, mas também os atitudinais, procedimentais, que no texto de Daniela ela conseguiu abordar todos os conteúdos para além dos conteúdos conceituais, fazendo a distinção entre saberes e conteúdos. A seguir Selma apontou que professor também é pesquisador, não no sentido científico mas sim sobre os conteúdos que precisam ser abordados em seu cotidiano. Dando continuidade o próximo inscrito Adriano discordou de Ana e mencionou que não disse o que ela pontuou. Salientou que ensino, pesquisa e extensão não são iguais. Ressaltou que trata-se de um privilégio de classe o acesso à pesquisa, mas se queremos democratizar a pesquisa para as classes populares precisamos cumprir com o nosso papel da escola. Continuou dizendo que a gente se apropria do conhecimento que produz, recebemos para fazer o trabalho que somos contratados e não para fazer outras de interesse pessoal. Quando falamos a palavra pesquisa em diferentes contextos ela tem diversas compreensões e na educação tem outra. A escola de educação básica não se dedica a pesquisa, as condições são outras. Após Janaína Roberto colocou que a partir do que se foi construído até o momento na CECI, estamos olhando para a situação de uma escola perfeita, mas estamos esquecendo das virgulas. Questionou qual a função social da escola para a EJA, as crianças do AEE e com dificuldades de aprendizagens nessa perspectiva? Complementou dizendo, estamos falando de uma escola perfeita para seres perfeitos. Eu quero formar um aluno crítico pra que? Para ele pesquisar ou aceitar o que ofereço enquanto conhecimento? É função social da escola dar condições para a pessoa ler, ter opção de escolhas, pegar um ônibus, etc... Salientou dizendo que quando eu ensino eu dou opções de escolha e está sentindo falta dessas questões, ninguém fala dos alunos negros, dos índios, desde o início das discussões está sentindo falta disso. Não temos negros na rede, ou só quem tem valor é quem é pesquisador, doutor? Estamos discutindo e trazendo questões como se fosse uma escola perfeita que não é real. Após Daniela propõe que poderíamos resolver a questão e escolher de forma clara qual a concepção teórica que será adotada. Continuou fazendo a leitura de um trecho de Saviani que menciona as contribuições de Paulo Freire, e salientou que aproximações podem ser feitas por nós e que na sua concepção cabe essa aproximação sim. Dando continuidade Heluane trouxe que em seu ponto de vista não cabe Paulo Freire nesse momento, pois o autor faz contraposições de algumas questões com as concepções da teoria histórico crítica. Trouxe que vários autores também ficarão de fora, que estamos fazemos uma escolha teórica. Continuou dizendo que a pesquisa na escola tem um lugar específico nos relatos de experiência, quando o professor reflete sobre sua própria prática, pois a pesquisa tem critérios quanto a forma de pesquisar. Não é que não se produz conhecimento na escola, não se produz pesquisa, não há hierarquização quanto a isso. Após Natali retomou a questão apontada por Igor e salientou que os conceitos de Nereide Saviani, aponta sobre conteúdo-forma-destinatário, ou seja não é algo cristalizado, quando se fala em conteúdo na forma a ajudar o desenvolvimento para que a pessoa aprenda e se desenvolva. Ressaltou que precisamos compreender que a escola em especial a escola pública abarca todo mundo, mas abarca olhar para as especificidades e vai implicar olhar para o estudante. Continuou dizendo que a escola precisa olhar para suas próprias falhas, além da ZDP, quais



Secretaria da Educação

os conteúdos que são adequados na sociedade que estamos inseridos? Dando continuidade Adriano diz que não nega as contribuições de Paulo Freire, mas aponta que as concepções dele e de Saviani sobre função social da escola não conversam. Salienta que Daniela fez um malabarismo em seu texto aproximando os dois autores. Ressaltou que Janaina coloca algumas questões em sua fala, mas que não estamos nesse momento discutindo as questões singulares ainda tais como a: EJA, AEE e a creche. Mas sim estamos discutindo questões teóricas e que precisamos compreender que vai chegar um momento que essas questões serão trazidas pois são questões didáticas, mas no currículo nesse momento não. Pontuou que agora estamos discutindo algo mais amplo, mas que queremos que o conhecimento seja o mesmo a todos os alunos, mais discorda de alguns pontos trazidos na fala de Janaina. Após Camila também diz discordar de Janaina quanto a sua fala no que diz respeito a escola ideal, pois quando não se fala da EJA, do negro, do índio, é porque na teoria histórico crítica o ensino é para todos incluindo (negros, índios, AEE, etc...) Continuando diz que parte do ponto de partida que somos diferentes, mas que todos temos que ter acesso ao conhecimento. Reforça que é um equívoco pensar o contrário, que é uma teoria que traz a possibilidade do acesso ao ensino a todos, que a escola não é perfeita, por isso estamos buscando uma teoria que possibilite a mudança na concepção dos trabalhadores e que tenham a responsabilidade de sua função. Pediu que se tenha responsabilidade intelectual que não se falem “o pessoal lá”, “o Adriano e sua turma”, pois eles gastam tempo para estudar e para vir discutir, falar, que se ela falar algo que a pessoa não concorde que fale em seu nome. Após Rosana Tesuto questionou onde ficaria a pedagogia por projetos na perspectiva teórica adotada ou se ficará nas questões didáticas? Continuando Elaine Zanesco colocou sobre a unidade da diversidade, e que quer uma escola que enxergue a todos. Que não existe escola perfeita mas buscamos o melhor para todas as crianças. Quanto a questão da pesquisa, salientou que todos pesquisam na escola. A próxima inscrita Selma colocou que pelo que percebeu no processo construído por todos até agora, que generalizar todas as particularidades é algo perigoso. Salientou que os textos que estão sendo construídos poderiam ser mais claros, pois são extensos e que dificulta a compreensão de todos, pois segundo ela as pessoas não estão entendendo muito bem o que tem sido produzido. Após Janaina Roberto colocou que a escola é para todos e não acredita que a escola tem que ser diferente. Mas que é necessário olhar para a escola e enxergar as dificuldades da criança, incluí-la no processo, propor situações onde ela não se sinta diferente. Complementou dizendo que entende que a EJA não é só para pegar ônibus mas que ela precisa mostrar a função social da escola, que a escola precisa se preocupar em desenvolver integralmente o sujeito independente de questões étnicas, porém a questão social faz diferença e isso precisa ser considerado. Salientou que o professor precisa dar conta do conteúdo, mas precisa considerar também as necessidades dos alunos, pois não existe uma escola perfeita nem irá existir. Concluiu que precisamos sentar e discutir, como fazer uma escola mais justa para todos, considerando suas singularidades ao olhar para esse currículo. A próxima inscrita foi Taila que trouxe indagações sobre o texto de Natali, questionou quem é o público alvo? Quais são as características, sociais, econômicas dessas crianças? Pontuou que de modo geral na escola pública, os alunos são de regiões periféricas e em todas as suas modalidades. Acha importante as proposições trazidas pelos colegas mas ressaltou que precisamos pensar quem são nossos alunos, como eu posso entregar o melhor para essas crianças levando em conta que elas possuem um acervo cultural muito menor do que eu gostaria e respeitando seus contextos? Reforça que a função social da escola precisa estar ligada a questão social, quais são os nossos contextos? O que nossas crianças precisam? Como a alfabetização pode transformar o contexto social dos sujeitos? Precisamos possibilitar que as crianças façam escolhas e tenham autonomia, mas precisamos levar em conta os contextos da maioria. Dando continuidade Monica Christofolletti colocou que Janaina traz questões importantes para a questão do currículo, mas que nesse momento estamos discutindo a proposta pedagógica e precisamos compreender isso. Ressaltou que há um grupo sim, que eles pesquisam, dialogam, estudam, se preparam para vir aos encontros, que organizam propostas em conjuntos e fazem trocas. Salientou que inclusive estão estudando já sobre o desenvolvimento. Justificou dizendo que o fazem, porque entendem que o professor é um pesquisador que não pode parar de estudar nunca, falar ou não já é o comportamento de cada um, mas que estudam muito para que



Secretaria da Educação

possam contribuir com o momento que estamos vivenciando. Se remeteu a fala de Taila, no que tange ao ensino, mas colocou que precisamos ampliar, pois queremos uma educação transformadora, para que o sujeito seja ativo e não passivo. A próxima inscrita foi Renata Corte que colocou que esse espaço dado à comissão para a discussão do currículo nos faz crescer muito. Colocou sobre a questão da pesquisa na sala de aula, salientou que não é só a pesquisa que vai apoiar o ensino, pesquisamos o nosso fazer na escola, mas as discussões sobre as questões da escola em si também se caracterizam como produção de conhecimento, é uma produção não acadêmica, mas pesquisamos para superar situações. Sobre a função da escola acredita que também é fazer com que o professor produza. Se remeteu a fala de Taila, e lembrou de uma situação em que estava em uma escola de EJA conversando com uma aluna, a mesma se referiu a escola, dizendo que não tinha nada a ver com o trabalho que ela executava, desconsiderando que a escola poderia promover a superação da condição social dela e do próprio trabalho. A partir dessa situação trouxe a reflexão de que a escola está distante, e que o conhecimento ainda está distante do cotidiano e da vida dos alunos. Em especial para o público da EJA o conhecimento não é nem para a superação de sua própria situação social. Após Adriano mencionou o relato de Renata, e disse que a escola não tem que preparar para algo específico, mas se cumprir sua função garante isso por incorporação. Que a aluna não foi buscar uma prática, que há muito romantismo e anacronismo sobre a EJA, mas representa um fracasso porque esses alunos foram excluídos do sistema escolar. Salientou dizendo que discutir a EJA é algo muito sério e complexo. A gente por questão de opção não iremos discutir uma categoria que é a luta de classes, porque quando discutimos lutas de classe essas questões aparecerem. A escola é aparelhada para realizar a manutenção social e a exclusão. Nossos alunos muitas vezes não tem as mesmas oportunidades, e a função da escola é para ensinar ou vamos nos negar a isso? Questionou qual a função dos equipamentos de saúde, da cultura, e suas funções, mas qual a função social da escola? É o ensino. O ensino acontece na escola, precisamos entender as distinções entre os diferentes aparelhos para cumprir o nosso papel que é ensinar. Fazer uma discussão sobre a escola pública é algo que não é abstrato, quem está lá? E os filhos dos ricos estão onde? Na escola privada. Nossos alunos tem dificuldades em conseguir emprego em padaria. Precisamos mudar esse quadro, não que o que fazemos hoje não é o bastante, mas temos muito mais o que fazer. Dando continuidade Natali salienta que temos que retomar a importância do papel do professor na escola, o aluno não pode ser responsabilizado pelo fracasso escolar. Precisamos discutir também sobre a precarização do trabalho e que muitas vezes o profissional não consegue realizar sua função em virtude das condições precárias. Continuou dizendo que precisamos discutir sobre o papel do professor na escola e que temos que discutir isso aqui. Após todas as manifestações e encerrado as inscrições sobre a discussão sobre as propostas, Leliane colocou que como não houve consenso em relação as propostas apresentadas, e que apesar delas convergirem em alguns pontos, apresentam discordâncias em outros, então que seria encaminhado para a votação. Assim foi aberto a votação onde a proposta de Natali teve 30 votos favoráveis e a proposta de Daniela obteve 26 votos favoráveis, prevalecendo a proposta de Natali pela maioria dos votos. Como observação para a próxima categoria, Camila fez uma proposta quanto a alteração dos termos presentes na deliberação: “relação aprendizado e desenvolvimento” para “processos de aprendizagem e desenvolvimento”, a proposta foi colocada aos presentes e aceita sem objeções. Desta forma a reunião encerrou-se às 16h 28min sendo o registro da ata realizado por mim, Tagiane Giorgetti Beteghelli, membro do Centro de Aperfeiçoamento Pedagógico.